

Pesquisada agora e Pesquisadora: Antropóloga Quilombola Kalunga e agora?¹

Rosiene Francisco dos Santos
Quilombola Kalunga/UNB

Palavras Chaves: Quilombo, Pesquisada, Antropologia.

O sopro das palavras cantadas

*Nossas trajetórias nos movem,
Nossa ancestralidade nos guia.
Nego Bispo*

Talvez você seja uma trilheira(o) que sempre no final do caminhar está em busca de uma cachoeira, rio, praia, lagoa, afinal em busca de algo. Nesse momento convidando todas e todos a andar na estrada cavalheiro com a certeza que nesse caminhar é composto de atravancos e amparos. Espero que esteja com o preparo físico em dias, pois, será um percurso muito longo, Antônio Bispo dos Santos - Nego Bispo relator/intelectual Quilombola Saco Curtume/ Piauí, já afirma que somos começo, meio e começo o meu grande desafio é ter uma linearidade na escrita. Mas por que tê-la? O circular nos leva a retomar e refazer pensamentos, e a repetição se faz na circular, torna também reforço necessário do argumento como diz Elionice Sacramento, intelectual Quilombola, Comunidade Pesqueira e Quilombola Conceição de Salinas/BA. Bora lá, de forma circular e espiralada ou até mesmo sem uma definição, afinal não somos nômades.

Estrada Cavalheiro- Início da trilha

Caras leitoras e caros leitores, pensei em escrever uma carta para o Quilombo como destinatário. No entanto, somos povos da oralidade, do olho no olho, do sorriso, dos abraços, da escutatória, do barulho, de silêncio profundo e repentino, e de momentos de uma boa prosa também, aquela remoagem, que só é possível apreender fazendo. Nosso

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia -2024

tempo, é outro, é outra lógica de tempo em que existe na vivacidade no dia a dia. Tempo da cadência, de viver o tempo e observá-lo.

Querido destinatário e destinatária, não sei quem é você, pode estar do meu lado, em outro estado, país ou até mesmo em outro continente. Tão pouco sei como minha fala, escrita, transcrita, dita, oralizada e rescrita irá chegar até você, nem tenho como conjectura sua interpretação diante dessa junção de palavras. É para você do passado, presente e futuro e para você que quer despir de várias amarras. Essa é uma estrada cavalheiro (carta) de uma Quilombola Kalunga ecoando o nosso mundo.

Não estou em busca de respostas, mas faz um tempinho, *só*, que fico pensando nas minhas andanças no universo acadêmico e como sou convidada a todo o tempo há sobreviver no espaço. Eu do presente acordo com um barulho de um despertador, não pedi à beça para ninguém, arrumo para sair, procuro uma coisa rápida para comer, saio correndo para pegar o ônibus, com duas certezas infeliz: tem engarrafamento e irei em pé. Ufa!!! Até suei escrevendo isso e mudei o meu humor, bateu um grande cansaço, pois, o plano da locomoção dentro da cidade de Brasília deu super certo. Não que seja importante, mas quero informar a vocês leitores e leitoras que escrevi este trecho dentro do ônibus sentada no chão na porta, pois, aprendi que tenho que manter a mão aquecida.

Quase esqueci de contar sobre o lugar onde moro, em uma cidade satélite do Distrito Federal. Se o trânsito fosse fluido, levaria apenas 40 minutos de carro até a Universidade de Brasília, ou 1 hora e 55 minutos de transporte público. Mas a realidade é que se desdobra em engarrafamentos incessantes, estendendo minha jornada para aproximadamente 2 horas e 30 minutos de ônibus.

Desenvolvi o hábito de pegar sempre o mesmo ônibus, um cenário onde os rostos se tornam familiares e as histórias se entrelaçam. Nas manhãs, o veículo se enche de murmúrios e risadas, uma sinfonia de vidas que se cruzam. Mas, ao fim do dia, reina o silêncio, quebrado apenas pelo sussurro suspeito de um “boa noite” ou um suspiro de cansaço. Entre idas e vindas, pela janela do ônibus, contemplo o que restou do cerrado na metrópole. Vejo veículos solitários, ocupados apenas por um motorista, enquanto no meu quilombo, esse carro estaria cheio de gente. Escuto e observo as vidas que se estendem dentro e fora do ônibus, cada uma delas tecendo suas próprias histórias e destinos.

Primeira pausa para descanso: ainda estamos no início da estrada cavalheiro onde o principal “veículo” são as pernas ou cavalo.

Falei em aquecer a mão, convido vocês para voltarem no tempo comigo. Iniciaremos com a minha infância no nordeste goiano ou norte goiano conforme o IBGE (2024) independentemente da localização geográfica, no Quilombo Kalunga em que minhas e meus ancestrais semearam as sementes que brotam neste Cerrado goiano.

Nasci no Quilombo Kalunga, na Comunidade Engenho II, na casa velha, com a ajuda de uma parteira mãe Daniela, durante o segundo canto do galo. Infelizmente, não pude crescer apenas na comunidade. Meu pai trabalhava na mineração de ouro na cidade de Cavalcante. Em decorrência desse trabalho, faleceu quando eu tinha apenas dois anos de idade. Cresci entre as andanças cidade de Cavalcante, comunidade, e visitas de familiares.

Ainda falando da infância, não sei exatamente a minha idade, mais lembro do cuidar, do afeto dentro da comunidade. Dos causos sentada no rabo do fogão em que fazíamos bolos, do cozinhar juntos, do socar arroz, do panhar lenha, do comer no mesmo prato com as mãos sentados no chão, dos cheiros e dos sabores e dos sons. Na hora de dormir as crianças queriam dormir sempre com a bisavó porque sempre tinham as brincadeiras de adivinhações e as histórias de luvisilhas.

O som da natureza durante o dia e a noite estavam muito presentes, rememoro os cantos dos pássaros noturno o primeiro é o João Corta Pau o seu canto é uma chamado “vamo cortar pau” ouça o som e no mesmo tempo um aviso como minhas bisavós, avôs, avó, tios bisavôs, tias e tios ensinaram, começou a cantoria está na época de roçar. A noite era um momento muito temido a luminosidade presente era da lua, lamparina ou de vela de candeia que é feita da cera de abelha misturada com fios de buriti ou fios de algodão. Entre o som e medo tinha a cantoria do bacurau “amanhã eu vou”, não posso negar que tinha um medo, nas dentro do medo aprendia ler e sentir a natureza.

Rememoro que naquela época ser Kalungueira e Kalungueiro, era algo muito “ruim” pois, iam para a cidade a pé ou a cavalo. As pessoas que moravam na cidade não Kalunga caçoavam do nosso modo de conversar, da nossa cor, do nosso vestir. Era como se não tivéssemos humanidade. Até que um certo dia, recebemos a ilustre visita de um presidente do nosso país e fomos reconhecidos como Comunidade Quilombola, a partir desse momento a região turística nomeada Chapada dos Veadeiros, teve um *boom no turismo*, cuja principal local de visitação é a cachoeira azul turquesa dentro do Quilombolo Kalunga na Comunidade Engenho II, a identidade e pertencimento começou a ver trabalhada com diversos projetos.

Outro ponto muito importante é que minha mãe sempre afirmava que criava minha irmã, meu irmão e eu, para o mundo era a forma que ela encontrou para nos incentivar nos estudos e ser livres. Com o apoio e influenciada por minha mãe e minha avó, avô, meu contexto familiar por toda vivência, sendo criada no Quilombo e na cidade de Cavalcante, vivenciando a vida, sabendo que morávamos em um local turístico, um lugar de encontros de desencontros.

Aos quatorze a quinze anos de idade, fui residir na capital do estado de Goiás, sob os cuidados de uma pessoa que minha mãe conheceu durante um curso de guia de turismo. Conforme o costume, eu era responsável pelos afazeres domésticos e pelo cuidado das crianças, em troca de alimentação, acomodação e a possibilidade de estudar no período noturno. Foram momentos de árduo trabalho, durante os quais desempenhei funções como empregada doméstica e babá, mas com a guiança da ancestralidade consegui cursar um curso tecnólogo na instituição pública.

Um aspecto adicional importante para partilhar, que carrego na minha trajetória, foi um dos motivos a seguir a andança na universidade, uma professora racista com pós-doutorado não aceitou minha crítica sobre o seu trabalho realizado no Quilombo Kalunga. A primeira coisa que vez foi usar a ferramenta do colonizador tentar me adestrar, em que Nego Bispo (2015) explica que a primeira estratégia, quando buscam mudar o nome tentando tirar a identidade, trocou meu nome e solicitou as minhas críticas no auditório no II Encontro de Pesquisadores sobre os Quilombolas Kalunga, políticas sociais e pesquisa no Território Kalunga. Fiquei toda desajeitada, pois era a primeira vez apresentando um trabalho e a primeira vez que a autora chamava uma pessoa na frente para comentar o seu trabalho. Lembro do olhar e do sorriso de deboche da professora e principalmente da sua fala: Você não sabe do meu trabalho, por que está aqui! O seu lugar é dentro do Quilombo.

Nesse momento estava na estrada cavaleiro muito inclinada, cheia de pedras, sem água para beber. No horizonte avistava os pés de buritis nesse momento uma professora e chefe Giovana Tavares, estendeu a mão e explicou que precisava adquirir outro nível além da graduação. Entendi que a academia como um local de disputa um espaço onde ideias, conhecimentos e identidades se confrontam e se desafiam constantemente. Entendo que seria um ambiente competitivo e exigente, mas também um lugar de grandes oportunidades para crescimento e aprendizado, sem perder o meu enraizamento, aqui estou no doutorado.

Estrada Cavalheiro para o Avião

Ingressei no mestrado em 2017 na Universidade de Brasília (UnB) no Centro de Excelência em Turismo e decidi dar seguimento ao trabalho da graduação com o objetivo de entender o fenômeno turismo em que a minha dissertação foi titulada: Quilombo Kalunga Comunidade Engenho II: Limites e possibilidades para o turismo.

Durante o mestrado, levantava a voz e as pessoas me ouviam, mas não me escutavam verdadeiramente. Eu era a única quilombola da minha turma. Nas minhas andanças pela universidade, cursei uma disciplina chamada "Estudos Etnológicos de Problemas Sociais" no Departamento de Antropologia Social, onde encontrei pessoas com contextos semelhantes ao meu. Outro espaço acolhedor foi o Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais (MESPT), onde conheci irmãs e irmãos Quilombolas, Indígenas, Ciganos e demais comunidades tradicionais. No entanto, lembro-me de que frequentemente era questionada negativamente por estudar turismo.

Retornando a disciplina "Estudos Etnológicos de Problemas Sociais" no Departamento de Antropologia Social com o professor José Jorge de Carvalho o mesmo me convidou para assistir a uma aula da disciplina nomeada Encontro de Saberes em que seria a mulhezada do Quilombo Kalunga lecionando, Iaiá Procopia, Tuya, Bia, Fiota e tia Dainda.

Lembro-me que cheguei atrasada, quando entrei na sala de aula tentei não chamar atenção de ninguém, sentei-me na cadeira e fiquei acanhada. Tia Dainda olhou pra mim e apontou o dedo. Essa moça que entrou é das minhas! A senhora sentiu, acolheu, abraçou. A partir desse momento foi um reencontro cheio de sentições. Começamos a rememorar as nossas parentelas, falei o nome da minha mãe, pai, avô, avó, bisavó. A senhora parou, olhou para mim e fez um silêncio e de repente, disse: Às filhas do finado Hipólito estão vivas, seu pai andava muito pelo Kalunga...outro momento contarei sobre meu pai.

Voltando para a sala de aula, lembro-me que fui em duas aulas, no segundo dia teve penteados, cores, cânticas, sussa, lágrimas e sorrisos e fortalecimento de uma jovem Kalunga que tinha acabado de entrar em um mestrado. Tia Dainda falava e eu chorava, falava e eu chorava. Ainda não entendia direito sobre esse espaço que estava ocupado, porém a fala da senhora estava vinculada com uma situação que passei em uma universidade federal em maio de 2015. Em que tia Dainda disse:

Nunca tinha sentado em um lugar para vocês ouvir igual vocês me ouviram. Não sei por quê. Já fui em muitos lugares para contar minha história só quando eu chego no lugar invés de eu contar a minha história cada um está com a folha na mão para contar minha história. Só agora que eu pude contar minha história. Nem todas eu contei, mas a que eu contei foi bem aproveitada porque todo mundo ouviu o que eu queria contar. Não foi contada por ninguém eu que contei. Em todo o lugar que eu chegava já tinha as pessoas com o papel na mão, em vez de eu sentar aqui pra contar minha história, eles que sentava e iam contar minha história. Às vezes eu nem lembrava que tinha tanta história como eu tenho agora, no dia que sentei aqui na primeira vez, renasceu tanta coisa da minha vida, tanta coisa que eu já tinha esquecido, momentos que eu já tinha passado não lembrava mais, porque quando eu chegava no lugar a pessoa já falava que ia contar como era o meu lugar como que era, e falava essa é a história dela no lugar dela, então eu não falava nada! (2015)

Era nítido o reflexo das estruturas de poder que silenciavam os meus, privando-a do direito de se expressar plenamente. Em vez de ser um agente ativo em contar nossas próprias experiências, foi relegada ao papel de espectadora de sua própria vida, obedientemente enquanto outros moldavam e manipulavam nossas narrativas para se encaixarem em suas próprias agendas e percepções. Isso não apenas distorce a história, mas também perpetua uma forma de violência simbólica onde sua identidade e experiências são filtradas e validadas apenas através das lentes de outrem. Mas naquela disciplina estava acontecendo um momento de sangria e cura entendendo a importância de ocupar o espaço.

Diante o encontro meu com o Quilombo Kalunga aconteceu o que Nego Bispo (2019) ratifica quando me pergunta sobre a presença de negros na academia, respondia que, por serem diversos, precisamos estar tanto dentro quanto fora dela. Uma parte dentro, preparando o ambiente para a transformação, e a outra parte fora, para dismantelar o colonialismo. Em uma mesa de discussão, mencionou que as universidades são incubadoras dos ovos do colonialismo, e a missão dos negros dentro delas é fazer esses ovos não se desenvolverem. Quem está fora deve trazer novos ovos fecundados, alterando quem será formado dentro da academia. A academia deve produzir doutores em humanidades e vida, e não em artificialidade. Os jovens que viam nas universidades através das costas estão se encontrando comigo no Encontro de Saberes.

Em 2023, durante o estágio de prática docente do meu doutorado, carreguei comigo minha ancestralidade e os ensinamentos ao longo da trajetória, com a missão de ensinar uma forma humanizada. No primeiro dia de aula, senti um certo estranhamento,

pois era a primeira vez que me encontrava à frente de uma turma. Percebi os olhares dos estudantes, assustados e reclusos. O trabalho final foi uma carta em que os vinte e três estudantes falavam da feliz oportunidade de ter a primeira vez uma professora Quilombola Kalunga, preta e jovem na sala de aula e que a metodologia foi a única que de alguma forma tinha acontecido uma transformação dentro deles em que no momento não conseguiriam expressar.

Poderia posicionar como uma *outsider within* (COLLINS 2016) porém carrego na minha corporalidade e territorialidade o lado étnico, ouso a fala que sou *outsider within QUILOMBISTA em movimento* (SILVIA, 2019). Glória Anzaldúa diz que ainda não desaprendeu “as tolices esotéricas e pseudo-intelectualizadas que a lavagem cerebral da escola forçou em minha escrita” (2000, p.229), já na minha KALUNGARIA percebo que tenho dificuldade de adentrar nas tolices esotéricas e pseudo-intelectualizadas.

Falo tagarelado, escrevo mal ortografado,
canto desafinado, danço descompassado,
só sei pintar
borrando, meus desenhos são enviesados.
Esse é o meu jeito. Não me mandem fazer
direito. Eu não sou colonizado. Vivas.”
(Nego Bispo)

Esse lugar de dualidade que ocupo de Quilombola e pesquisadora dentro do meu próprio território traz estranhamento e aprendizagens. Não preciso fazer aproximação em casa só não posso fazer a pesquisa igual os demais pesquisadores. Como a Ana Claudia Matos da Silvia- Ana Mumbuca, intelectual Quilombola Mumbuca – Tocantins fala do princípio das estranhezas com um poema (2019, p.70)

Temos estranhos
Os gravadores
Temos estranhas
As canetas
Temos uns estranhos
Os computadores
Muitas estranhezas
Somos estranhos, entre eles
E as vezes entre nós.

No período da dissertação do mestrado aconteceu o estranhamento, estava na cozinha com meu tio bissavô, tomando um cafezinho e começou a contar vários causos sobre nossas labutas do dia a dia. Como aprendi na universidade estava agoniada para escrever e gravar porque não podia interromper uma pessoa mais velha. Nesse momento meu tio pegou todos os objetos estranhos da conversa colocou no seu quarto. E disse você vai me escutar com atenção e vai escrever apenas o que você lembra, é necessário, sentir, olhar e escutar. A conversa fluiu igual uma nascente de rio que tem a certeza de que irá desaguar no mar. Em um momento de remoagem da conversa pegou o caderno e começou desenha um local especial que temos dentro do território.

Outro momento importante foi a conversa com um grande intelectual diferente, meu avô, aprendi os seus conhecimentos sobre a fartura na roça de toco (na plantação arroz e de feijão) dizendo que ao observar as flores do pé de manga e de caju, é possível saber se a colheita será boa. Esse dia rendeu causos.

É importante falar que não estava fazendo uma entrevista com meu avô ou usando qualquer outra metodologia, mas nesse dia a conversa me atravessou de uma forma inexplicável. Fiquei olhando as anotações sobre os trabalhos acadêmicos feitos no Quilombo Kalunga e não lembrei de nada ligado à leitura das flores. O tempo passou, a voz dele estava muito presente, resolvi escrever um pouquinho do que me ensinou na dissertação.

Quando finalizei o escrito, mostrei para o meu avô, e ele estava pitando seu cachimbo, perguntei: O senhor pode me escutar e me dizer se está certo? Meu avô, sorriu e seu olhar não escondia a alegria! “Está, certo Rosa! Você escreveu isso mesmo? É por isso, que é importante vocês que estão novos estudar, sei que é difícil, mas na minha época não tivemos oportunidades”. Ouvir meu avô falar essas palavras foi um grande acalanto ancestral.

Conforme a intelectual Grada Kilomba na obra Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano “o colonialismo é uma ferida que nunca foi tratada. Uma ferida que dói sempre por vezes infecta, e outras vezes sangra” (sobrenome, p.39, 2020.). O episódio que relatei foi um momento de sangria e ao mesmo tempo de alegria em pensar na nossa trajetória, pois, não caminhamos só, nunca chegamos só.

Rememoro as falas com os mais velhos do meu território, que fazem confluência com outras territorialidades, quando falava sobre antropólogos ou qualquer outro pesquisador que ali estiveram. Mostrando sempre que estes encontros são marcados por conflitos. Já ouvi muito falarem que: “Fulano, queria mudar a dinâmica do quilombo,

beltrano queria demarcar do rio a acima”. Também era comum escutar que uma palavra diferente, pronunciada pelos pesquisadores era transformada em livro, ou escreviam as nossas falas erradas (INTELECTUAIS ANCENTRAIS, SILVIA,2019, ANZALDUA, 2000).

No turismo me deparo com o estudo de caso no qual os intelectuais parecem que estão em busca de alguma tragédia para teorizar ou salvar as pessoas ou qualquer outra situação, já na antropologia me deparo com a palavra que é famosa PESQUISA DE CAMPO. Nesse momento estou em processo de digestão com a palavra campo. Pois pensando no Cerrado, campo me dá liberdade de pensar várias formas de fazer algo, pois temos várias fitofisionomias em apenas 500 metros por exemplo encontra-se campo limpo, campo rupestre, veredas, várzeas , matas, campestre,cerradão.

Por ser uma conversa em casa eu não preciso aproximação, porém é necessário fazer teoria junto com a prática, não preciso agendar entrevista, mas preciso saber o que queremos compartilhar com o de fora. Meu cotidiano de trabalho está próximo sim, mas é um ato político, a todo momento, atento. É uma zona de conforto, sim, emocional, de pensamento, mas soma a isso tudo muita responsabilidade política, o que estudar, como estudar, com quem falar. Tudo isso insere na tranquilidade do cotidiano uma ruptura. A perspectiva histórica da colonização não pode ser ignorada, as fracturas impostas, mas as resistências e reconstruções de caminhos, retornar por caminhos e refazê-los também são importantes.

Ainda estamos na estrada cavalheiro nas andanças da minha trajetória que é carregada de nós. Como uma *outsider within QUILOMBISTA em movimento*, não é novidade pra ninguém que o nosso Quilombo Kalunga é um dos territórios mais pesquisados com a entrada da Kalungaria na universidade e com o contado com os trabalhos acadêmicos desenvolvidos que nunca tivemos uma devolutiva, cansados de ser objetos ou apenas informantes.

Criamos uma Comissão de Avaliação de Pesquisa e Projetos para avaliar os trabalhos acadêmicos e os projetos do terceiro setor seja Quilombola ou não , olhamos se a temática e relevante e solicitamos alterações a devolutiva do trabalho, devolver, apresentar, fazer faz parte da metodologia. Ou seja, o meu projeto de qualificação será aprovado primeiramente pela comissão do meu território e depois pela banca avaliadora da Universidade.

Para começar o tecer das ciências já estou imaginado uma conversa com meu tio bisavô sobre o tempo, fazendo uma caminha para encontra com o dia. Se você chegou até

o final e não entendeu nada, acredito que meu objetivo de escrita foi concluído com sucesso. Muitas vezes faço leituras de textos no formato ocidental não consigo aproveitar ou entender nada.

REFERÊNCIAS

A minha ANCESTRALIDADE, todos os quilombos e todas as pessoas que vieram, estão e virão. Minha primeira referência existencial.

COLLINS, Patricia Hill. “Aprendendo com a outsider within”. *Sociedade e Estado*, 31(1), pp. 99–127, 2016. Disponível em:

<http://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6081/5457://p>

SANTOS, Antônio Bispo dos. Colonização, quilombos: modos e significações. Brasília: INCT, 2015.

SANTOS, Antônio Bispo dos . **As fronteiras entre o saber orgânico e o saber sintético** in Tecendo redes antirracistas: Áfricas, Brasis, Portugal / organização Anderson Ribeiro Oliva [et al.].1. ed. -- Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2019.

SILVA, Ana Claudia Matos da. Uma escrita conta colonialista do Quilombo Mumbuca, Jalapão- TO. Universidade de Brasília, Mespt, 2019